

Produção Brasileira de Pisos e Revestimentos Cerâmicos na Última Década

Arlindo Roberto Voltolini^{a*}

^a*Manfredini & Schianchi do Brasil, Rodovia Paulino Burigo, 17034,
Bairro Lombas Pedreira, CEP 88820-000, Içara - SC, Brasil*

**e-mail: diretoria@msdobrasil.com.br*

Resumo: O presente artigo faz uma releitura de um artigo publicado no ano 2000 na revista “Mundo Cerâmico”, que na época fazia uma previsão de como estaria o setor no ano de 2010. Entretanto, hoje, uma década depois, os rumos tomados foram significativamente diferentes, e o seguinte texto faz uma comparação entre o que se esperava na época e o que se observa hoje no setor de pisos e revestimentos cerâmicos, abordando questões fundamentais como: a indústria chinesa e européia, o mercado mundial, o potencial do Brasil, a participação do Brasil no mercado mundial, o porcelanato, o nordestes, entre outros temas.

Palavras-chave: *setor cerâmico, China, nordeste brasileiro, mercado mundial de revestimentos cerâmicos.*

1. O Brasil Rumo ao 1 Bilhão de m²

A edição de janeiro/fevereiro de 2000 da revista Mundo Cerâmico trazia um artigo fazendo uma estimativa do que aconteceria com o setor de revestimentos cerâmicos na década seguinte.

Inicialmente dizia que a produção cerâmica em 1989 era de 210 milhões de m²/ano, em 1999 já era de 500 milhões de m²/ano e que em 2010 chegaria a 1 bilhão de m²/ano.

Afirmava também que a Itália, com uma produção de 560 milhões de m²/ano e exportação de 75% do total produzido, não ampliaria sua produção. Igualmente a Espanha, com produção de 500 milhões de m²/ano e exportações de 50%, não conseguiria fazê-lo.

Alguns dos fundamentos para estimar a produção brasileira em 1 bilhão de m²/ano eram, essencialmente: a deficiência habitacional, em que faltavam 6 milhões de moradias; a recuperação da economia e o aumento das exportações, uma vez que na época o país exportava apenas 35 milhões de m²/ano, e se previa uma exportação de 300 milhões de m²/ano para 2010.

Como autor do referido artigo, e com este preâmbulo, passo a reavaliar cada uma das estimativas da época.

2. Produção

No artigo anterior foi questionado como se comportaria a produção cerâmica nesta nossa época atual. A China não conseguiria produzir para abastecer o consumo interno, face ao seu crescimento habitacional e à falta de habitações; a Itália não cresceria porque seria difícil superar os 75% de exportação, e previa-se que o consumo interno também não sofreria grande aumento em vista do crescimento populacional nulo à época. Sem falar na escassez italiana de matérias-primas, desestimulante para novos investimentos na área diante da necessidade de importá-las. Para a Espanha era esperado um crescimento e um aumento das exportações semelhantes ao da Itália, e previa-se um aumento pouco significativo para o consumo interno.

Fazendo a mesma análise 10 anos depois verifica-se que a China continuou crescendo acima da média mundial e sua produção cerâmica extrapolou os limites nacionais, com produtos cerâmicos atualmente exportados para o mundo todo. A Itália e a Espanha realmente não cresceram. Pelo contrário, reduziram sua produção quase pela metade, com 380 milhões e 300 milhões de m²/ano, respectivamente.

O artigo discutia também a questão do Brasil, que tinha tudo para se consolidar como o maior produtor mundial de revestimentos cerâmicos desta década, chegando a 1 bilhão de m²/ano. Quais razões apontavam estes índices?

O país realmente chegou em 2010 com uma produção e uma capacidade instalada pouco superior a 1 bilhão de m²/ano, e dados ainda não divulgados sobre produção e implantação de novas linhas/fábricas indicam um volume instalado que ultrapassa a cifra estimada (Tabela 1).

3. Deficit Habitacional

O estudo da época falava em um déficit habitacional reconhecido como superior a 6 milhões de residências, e da necessidade de mais 1 milhão de habitações/ano em função de novas uniões matrimoniais, oficiais ou não.

Atualmente verifica-se um déficit habitacional no mínimo igual ao da época, talvez superior. O que vem ocorrendo nos últimos tempos são programas de incentivo do governo que facilitam a compra da casa própria, e devem aliviar um pouco a deficiência de habitações. Contudo, ainda é pouco o que se tem feito para dar moradia digna aos brasileiros de baixa renda. São necessários mais programas confiáveis no campo da habitação: construções mais baratas, crédito mais facilitado, juros mais condizentes com a situação do país, menos burocracia e demora na aprovação e liberação de financiamentos. Com isto, talvez o déficit habitacional atual seja superior ao verificado no ano 2000.

O artigo em questão citava o crescimento populacional de 3% ao ano na década de 50; de 1,5% ao ano em 2000, e previa uma queda para 1% em 2010. Afirmava ainda que, embora decrescente, o crescimento populacional era alto e exigiria mais investimentos futuros com questões habitacionais do que o constatado na época.

Atualmente o censo está sendo realizado, e poderá indicar qual o crescimento atual. Certamente é inferior aos verificados nos anos anteriores, e de fato deve ficar em torno de 1%.

4. Consumo de Cerâmica

Outra previsão feita pelo artigo era que o Brasil deveria acompanhar o consumo mundial de cerâmica em m²/ano, juntando-se aos países mais desenvolvidos. Na época o consumo per capita brasileiro era de 2,9 m²/ano; 5,5 m²/ano na Espanha; 4,9 m²/ano em Portugal e 3,1 m²/ano na Itália.

Considerando a produção atual, com maior volume de importações e menor de exportações, o consumo médio aumentou consideravelmente. Dividindo cerca de 900 milhões de m² consumidos por 180 milhões de habitantes chegamos a um consumo de 4,8 m²/ano para cada habitante. Trata-se de uma boa média, mas deve aumentar ainda mais em função do déficit habitacional já discutido.

5. Crescimento da Economia Brasileira

Naquela época lia-se:

[...] acontecerá a recuperação da economia brasileira, com crescimento sustentado em torno de 2,5 a 3% ao ano, que automaticamente irá impulsionar o consumo de produtos cerâmicos, bem como de todos os demais relacionados com a construção civil¹.

A economia brasileira vinha crescendo razoavelmente até 2009, quando sofreu o impacto da crise mundial. É fato que o Brasil foi menos afetado que outras nações do mundo, e podemos afirmar que a média de crescimento nos últimos 10 anos foi boa; os números confirmam tal desempenho.

Ao certo não dá pra afirmar precisamente se o crescimento foi ou não superior a 3%, já que o método de cálculo do governo muda com frequência, mas sabe-se que fica em torno disso.

6. Exportações

O artigo de 10 anos atrás previa também que aumentariam como um todo as exportações brasileiras, sobretudo no setor cerâmico. Fazia também a seguinte afirmação: “Com a desvalorização do real a exportação de cerâmica tornou-se bastante viável, uma vez que os principais países exportadores têm um custo operacional muito maior que o custo brasileiro”¹. Ainda:

[...] o setor deverá investir pesado nessa área e, para o final da década, deverá estar exportando 30% da produção. Significa dizer que o Brasil passará de uma exportação de pouco mais de 35 para 300 milhões de m²/ano. Se a cerâmica hoje exporta anualmente U\$160 milhões, no final da próxima década exportará U\$1,5 bilhão, tendo assim uma significativa participação no total de exportações do país¹.

Naquela época o real estava bem desvalorizado, conforme a Figura 1, e sinalizava um crescimento significativo das exportações, que era uma das metas do governo: aumentar sempre a participação brasileira nas exportações, já que não colaboramos sequer com 1% das exportações mundiais.

A valorização do real em relação ao dólar, não esperada para a maioria dos empresários, derrubou completamente esta estimativa. Segundo dados extraídos do site da ANFACER, as exportações de produtos cerâmicos evoluíram até 2004, chegando a 126 milhões de m²/ano, e em seguida declinando única e exclusivamente em função da falta de competitividade dos produtos, causada justamente pela valorização de nossa moeda (Figura 2).

A exportação de 300 milhões de m² prevista para 2010 está estimada em apenas 62,5 milhões de m², ou seja, apenas 3 milhões de m²/ano a mais do que em 2001. Paralelamente a receita prevista de U\$1,5 bilhão alcançará a magra cifra de U\$250 milhões. Considerando a receita de 2001 no valor em torno de U\$145.000.000,00 e comparando com a receita de exportações em 2010, verifica-se que houve um considerável aumento no valor agregado dos produtos exportados.

A análise destes dados nos permite verificar o quanto a política econômica de um país influencia nas atuações dos mercados exportadores, deixando os fabricantes sem rumo, com dúvidas a respeito de investir ou não grandes valores na tentativa de ampliar as exportações do setor. Se na maioria dos países houvesse valorização

Tabela 1. Resumo da produção brasileira em 30 de junho de 2010.

Tipo de produto	Capacidade instalada (m ²)	Ampliações e novas unidades (m ²)	Total (m ²)
Via seca	52.880.000	15.250.000	68.130.000
Via úmida	-	-	-
Porcelanato	-	-	-
Total mensal	74.930.000	3.470.000	92.800.000

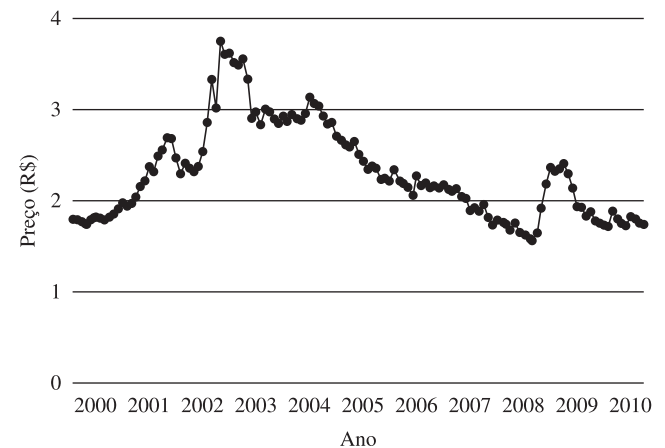


Figura 1. Preço do real em relação ao dólar nos últimos 10 anos.



Figura 2. Evolução das exportações de revestimentos cerâmicos. *Estimativa.

de suas respectivas moedas, assim como tivemos no Brasil, o impacto seria muito menor. No entanto isto não ocorreu, fazendo com que os produtos brasileiros perdessem competitividade no mercado internacional.

7. Crescimento Através de Novas Fábricas Via Seca

Sobre a via seca o artigo afirmava:

[...] o crescimento da produção se dará mais pela instalação de novas fábricas via seca do que unidades via úmido, o que, aliás, já foi a tendência desta década. A cada dez novas fábricas, oito serão via seca, e duas via úmida¹.

No decorrer destes dez anos podemos ver efetivamente a ampliação das fábricas de via seca. Hoje, por exemplo, ainda estão em instalação 20 linhas completas; algumas em novas unidades, e a maioria em plantas já existentes, sendo que não há nenhuma via úmida em montagem. Todas as novas linhas são de via seca.

Nesta década o processo de via seca se igualou à via úmida com relação ao uso de modernas tecnologias: as prensas, os secadores, os fornos e as linhas de escolha são os mesmos, fornecidos pelas mesmas empresas de grande expressividade no mercado mundial. Estas atendem tanto a via úmida como a via seca em igualdade de condições.

8. Porcellanato

Sobre o porcellanato, o artigo afirmava que cresceriam as indústrias desta tipologia e as de bi-queima rápida. Previa também que o porcellanato não seria apenas por via úmida, mas que surgiriam em breve unidades produzindo-o por via seca, com custos bem inferiores aos verificados pela via úmida e com altíssima qualidade.

No entanto, o que se verificou na prática foi que o mercado se comportou de maneira diferenciada. Poucas unidades de porcellanato via úmida foram implantadas, no entanto a maioria das indústrias cerâmicas de via úmida já existentes aproveitaram para implantar linhas de produção de porcellanato. A maioria transformou antigas linhas em produtoras de porcellanato e poucos foram os investimentos nesse setor.

Quanto ao projeto de fábricas de bi-queima rápida, cuja idéia era produzir revestimentos cerâmicos de altíssima qualidade com preços competitivos, não se realizou. Já os projetos de porcellanato via seca estão ainda em fase embrionária e o desenvolvimento é lento. Atualmente produz-se em pequena quantidade, porém existem diversos projetos em andamento, e certamente estes projetos, muito brevemente, serão realidade.

9. Nordeste

Por fim o artigo fazia uma previsão sobre o nordeste: “[...] será um novo pólo cerâmico, com certeza, disputando mercado nacional e internacional com o sul e sudeste”¹.

É inegável que o nordeste esteja em plena expansão em vários setores da economia. Com relação ao setor cerâmico, no entanto, o crescimento foi bem abaixo do imaginado. Ainda hoje o nordeste importa do sul e sudeste milhões de m²/ano, obviamente com um frete caro. Como consequência os nordestinos pagam muito mais caro por metro quadrado de cerâmica. No início do ano 2000 o frete era de aproximadamente R\$1,00/m², ao passo que hoje, dependendo do estado de destino, chega a mais de R\$3,00/m².

10. Considerações Finais

Nos últimos anos, deve-se reconhecer, as indústrias cerâmicas brasileiras, graças a um trabalho intenso e contínuo de pesquisa e desenvolvimento, conseguiram uma evolução tecnológica extraordinária, a tal ponto de chamarem a atenção de todo mundo e mais, servem de exemplo e paradigma a muitos ceramistas estrangeiros, que, frequentemente, nos visitam para constatar in loco o verdadeiro “milagre brasileiro”, principalmente quando se trata do processo via seca.

Se, por um lado, conseguimos alcançar, nesta década, a previsão de 1 bilhão de m²/ano de capacidade instalada e produção, por outro lado, as exportações decepcionaram em função da política econômica do governo haver, inicialmente, “segurado” a valorização do Real que agora continua super-valorizado em comparação a outras moedas

estrangeiras. Numa tentativa de valorizar o dólar o Governo, em outubro, acaba de aumentar o IOF sobre investimentos estrangeiros em renda fixa subindo em 100% o percentual do imposto, passando de 2 para 4%. Enquanto o Japão e a China desvalorizam suas moedas para exportar mais e os Estados Unidos ampliam a oferta de dólares para a economia voltar a crescer, o estrago do câmbio no Brasil provoca a queda das exportações dos manufaturados, aumenta o turismo para o exterior e ainda atrai capital especulativo.

Para alcançar a previsão as ampliações aconteceram mais com a instalação de novas linhas de produção dentro das indústrias existentes, do que propriamente, com a instalação de novas fábricas.

O projeto de construção de habitações não atingiu a meta prevista, pois o déficit habitacional continua ainda muito alto. Devemos reconhecer, no entanto, que há um esforço do governo no sentido de minimizar este déficit com os programas implantados, mas ainda, muito tímidos. Esperávamos que estes programas tivessem avançado muito mais nesta década.

Com relação a implantação de novas fábricas de porcellanato o fato não ocorreu. No entanto, as principais indústrias cerâmicas de via úmida, transformaram linhas atuais de produção e as adaptaram para produção de porcellanato. O porcellanato via seca continua a engatinhar e deverá se firmar nesta próxima década como alternativa de produto de elevada qualidade e de preços mais acessíveis, substituindo um pouco a produção de pisos via seca.

A instalação de fábricas no Nordeste também não chegou a se tornar realidade, uma vez que a grande maioria das ampliações se concentraram no interior de São Paulo (região de Santa Gertrudes), mesmo considerando o custo do transporte terrestre elevadíssimo.

Fica registrada a preocupação do aumento elevado da produção de cerâmica via seca, sem a preocupação dos ceramistas em oferecer ao mercado produtos de maior valor agregado, tentando atingir uma faixa de mercado com maior poder aquisitivo, tentando diminuir assim um pouco a competitividade existente.

Merece citar aqui a fabricação de telhas prensadas por parte de indústrias cerâmicas utilizando linhas de produção de pisos e revestimentos, buscando uma alternativa ao competitivo mercado de produtos via seca.

Destaque também deve ser dado nesta década a importação de produtos cerâmicos chineses. Neste ano a importação chegará a um volume de 20.000.000 de m², em sua esmagadora maioria, porcellanato. As principais e maiores cerâmicas brasileiras estão importando o produto chinês em suas próprias embalagens. O consumidor menos avisado nem percebe que está comprando um produto de determinada cerâmica e o mesmo não é fabricado por ela mas sim importado da China. Esta importação equivale a uma fábrica com produção mensal de 1.800.000 m² empregando em torno de 300 funcionários. Estamos dando emprego aos chineses.

Concluindo, o objetivo maior, que era chegar a produção de 1 bilhão de m²/ano, foi alcançado. As indústrias cerâmicas brasileiras, embora a exportação esperada não se confirmasse, conseguem vender a produção em quantidade maior no mercado interno, suplantando assim a falta de exportações. As cerâmicas de via úmida desenvolveram produtos com valores agregados maiores e gradativamente estão aumentando as suas exportações.

Por fim, o empresariado do setor cerâmico brasileiro, pela qualidade tecnológica e pela capacidade inventiva e desenvolvimentista de seus produtos, é muito respeitado em todo mundo. A cerâmica Brasileira já faz história.

Referências

1. VOLTOLINI, A. R. ANFACER - Evolução das exportações do setor cerâmico. *Revista Mundo Cerâmico*, v. 7, n. 62, p. 24-26, 2000.